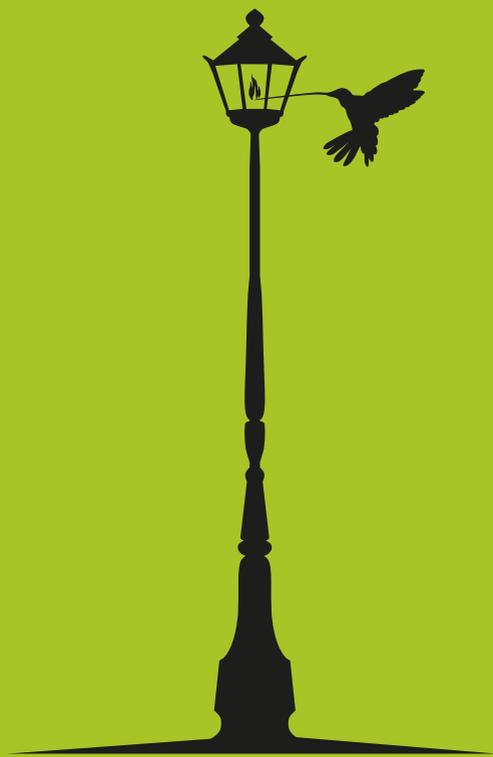


Eufeme

magazine de poesia



n.º 3

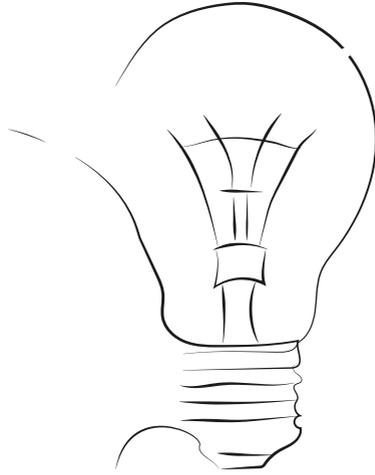
abril/junho de 2017

Este magazine publica textos em português, respeitando a norma ortográfica usada por cada um dos seus colaboradores. O mesmo se aplica às traduções.

Estatuto Editorial consultar em: <http://eufeme.weebly.com/sobre.html>

Eufeme

magazine de poesia



Prelúdio

a pureza na poesia,
vê-se na tona da água,
e na luz verde...
um olhar inédito sobre manuscritos,
onde poetas mordem palavras
que saltam boca fora em queda permanente;
a alimentação são versos e os poetas
por vezes levantam-se trôpegos,
com pouca luz, mas com a certeza
da escrita feita!

Sérgio Ninguém
(16-03-2017)



cinco poemas

de

António Cabrita

António Cabrita, 1959

Foi jornalista durante vinte e dois anos, os dezasseis últimos no semanário Expresso. Tem vinte livros publicados, de vários géneros. Nos últimos anos tem-se destacado pela prosa, sobretudo com *A Maldição de Ondina*, o seu primeiro romance, e *Éter*, um livro de contos. Publicou o seu último livro de poemas em 2013, *Bagagem não Reclamada*, em Maputo/Moçambique, cidade onde actualmente vive, sendo professor de Dramaturgia.

HARPO MARX NA JAULA DO LEÃO

(no prelo, na *Abysmo*)

para o *João Paulo Cotrim*

1

Lembro-me duma jaula abelhuda
que não desgruda do desassossego de uma veia
e de Harpo Marx lá dentro, com um leão
vagamente adormecido –
a buzina, emaranhada na juba,
muda – e dele com o indicador nos pedir «shiu».

Ou talvez confunda
com outra jaula num comboio
e outra indubitável fera fulva
em *Some Like it Hot*, de Billy Wilder.
O sniper que me ajusta a mira da memória
é que não me deixa mentir:
era felino o rosto de Harpo.
Glória de um homem talhado
para reinar, ainda que só
entre crisântemos, harpas e mimos,
tendo por ministros particulares
os poucos anjos
que – às primeiras, roazes, feiras
do Verão –, inebriados
pelo vento de nortada que tatua
o desejo nos pomares, não se evadem.

E ainda que vasto seja o sobrevoos
 (a imaginação dos adultos sempre pinga),
 nunca será o desfecho previsível,
 se, em troca de uma língua-de-gato,
 em criança nos inquirem

o que

queres ser quando fores grande...

por isso, sem aparato, foi esse
 o meu segredo mais bem guardado na inflamável
 fortaleza das amígdalas.

Queixava-se o Borges, eu que tantos
 fui não fui o patusco que enxugou
 na sua ínsua maledetta o profuso estuário
 da Ava Gardner (não era esta a Eva dele,
 mas a que mais me afluí à infância
 do desejo): retórica pura –
 em matéria de sexo, só os toureiros
 e as condessas descalças sabem da poda.
 Eu queria ter sido simplesmente
 o Harpo Marx das pontas
 que ficaram por montar, a sua mudez
 presciente, posto serem as palavras
 barcos que partem, encadeados
 por desavisados destinos.

E, asseguro-vos, a vergonha
 que tinha valia por doze sarapitolas,
 enchia oito frascos de compota.
 toureiros e as condessas descalças sabem da poda.

2 *(aderir à greve, a meio do livro)*

A rampa descendente da subjectividade:
constrói-se uma intimidade
sem rigores predatórios?
Que sentido pode
alguma coisa tomar sem o regateio do amor?

Um poker de ases no tampo líquido
da barragem,
o trinado
com que a cotovia incandesceu a alba.

Rogaste que me arrancasse à placidez
dos versos, «la lotta continua»,
que apanhasse o alfa
e aderisse à greve geral,
o braço ao léu numa trepidação
de slogans, como a ventania que amassa
um mar de sombrinhas enguiçadas
– acenos num Rossio
truncadamente consentido.

Um braço de rio clama
por prontidão, célere como um email
forcei às portagens o coração foragido,
cheio como o vento entre as ruínas.

Eis-me.

Que o teu carro agora reboque o meu
e me salve de tão fruste afogamento

a meio da auto-estrada,
 é vital para voltar a interessar-me
 pelas minhas tão excelsas opiniões,
 «la lotta continua»:
 são cerca de 12000 a 14000
 as espécies conhecidas de formigas,
 leio, desanuviando a alma.

3

Ser detective, o segundo propósito de miúdo.
 Ainda roda no tecto a ventoinha que entesoura
 o sangue em devaneio. Que liberdade,
 a dos investigadores privados!

Ah, flanar em salmoura pelos balcões corridos,
 os escoadouros de meio país, no bolso
 da gabardina uma fanada foto de passe
 da rapariga que, sem desdoiro, tomou verniz

num congelado lado do Utah.
 Entender numa piscadela de olho que a grácil,
 obstrutiva beleza das filhas do general
 reservista não é angélica.

Tropeçar invariavelmente num escolho
 que me impeça de ir à estreia de *O Holandês Errante*,
 como aparecer à última da hora no escritório
 um evadido com documentos indeclináveis

que desenleiam rosas em sangue
dum apodrecido e emaranhado monturo
de pétalas, fresco aroma
que corrige um equívoco da justiça.

Ah ter sempre álibi para me esquecer
da data dos anos duma filha, porque o dia de sol
pedia vermute e um crime torna a memória
mole e decapita a viúva-negra dos afectos.

Ser detective, não ter pálpebra mas
ter vintém, e dedicar à poesia a desatenção,
o encolher de ombros de um não-
-filatelista na ombreira de um selo raríssimo:

o meu segundo propósito de miúdo.
O primeiro, revirar os olhos com o ar
estorola de quem engoliu uma espinha
e esfiapa ao fundo do mar

uma grafonola – até achar o som da harpa.

4

Em Toledo, à saída da Casa-Museu El Greco
vi um anão de ar façanhudo que arrastava
pela asa uma criança vestida de anjo. Não era
o anão inglês do Cesariny, com a mãozita

a dar a dar, nem o matreiro que vi no Meco,
este, é inegável, tinha mais peçonha na voz

e seria a criatura que dobrava o Bogart
em Espanha e fazia do original um *maricón*.

Em Toledo, onde desnutridos pela foz
do amor nos deslocámos por desfazio,
na ânsia de uma jangada, de uma arena
que nos salvasse, à faena, o polimento.

Não deu corte de orelha, o touro, má cena,
era vesgo, e o nosso olhar já divergia
antes de embirrarmos de vez, tigre
e anaconda, à porta da loja *Los Tres Marx*.

5

Vasculhámos no que restava das escrivatinhas
nos empoeirados escritórios do cinema Ventura,
e cada um de nós achou pontas de filmes.
Calhou-me o grande-plano de um colt

colado ao peito e o contraponto da omoplata
com um furo carmim, e quis trocá-lo
por um beijo da Ava Gardner. Em vão.
Aquele beijo seria motivo para uma sarapitola

no canavial, atrás da capela da Ramalha,
mas a mim saiu-me o labéu da morte
– e o acaso, fibroso, nunca mente.
Seguiu-se a esgrima na escaqueirada sala
de projecção, as apodrecidas ripas do lambril
encarnavam agora sabres, cimitarras coruscantes,

lâminas templárias, afeitas a mãos imprevidentes.
O Raul levou uma espadeirada e caiu

aos berros sobre um monturo. A fina
cabeça do prego despontava-lhe sobre a orelha,
dois *mm* enxertados na carne. Morreu um ano
depois de aneurisma, mas secretamente
acordámos que a morte achara nele o seu poleiro
nas ruínas do cinema Ventura, e que a alma,
como ele dizia, talvez não passasse
de Harpo Marx engessado no recobro do céu.

(Um excerto)



quatro poemas

de

António Carlos Cortez

António Carlos Cortez (Lisboa, 1976).

Professor de Literatura Portuguesa no Colégio Moderno, poeta, crítico literário e ensaísta. Desde 1999 publicou dez livros de poesia (*Ritos de Passagem* (Universitária editora), 1999; *Um Barco no Rio* (Hugin edições) 2002; *A Sombra no Limite* (Gótica) 2004; *À Flor da Pele* (Casa do Sul) 2008; *Depois de Dezembro* (Casa do Sul) 2010; *Linha de Fogo* (Casa do Sul) 2012; *O Nome Negro* (Relógio d'Água) 2013; *O Tempo Exacto – antologia* (Jaguar, Rio de Janeiro, 2015); *Animais Feridos* (Dom Quixote), 2016 e a antologia *A Dor Concreta*, pela Tinta-da-China, também em 2016. É membro da direcção do PEN Club, consultor do Plano Nacional de Leitura e do Clube UNESCO para a escrita e leitura em Portugal. Está traduzido em castelhano, francês, inglês, alemão, italiano. Em 2017 sairá, no México, edição de inéditos seus. *Corvos Cobras Chacais* publicado primeiramente no Brasil. Na Bulgária terá antologia em edição bilingue.

De **CORVOS COBRAS CHACAIS**

(inéditos, livro no prelo)

*

Tinha começado a reabrir feridas. O que espantava não era o foco de luz que elas emitiam, mas sim o pulsar de que cada cratera vibrava, mostrando mais vincados os sons da gangrena interior. A dor era-lhe familiar. Mas por esses dias o gosto do sangue era-lhe estranho, metalizado, a ferrugem. Talvez fosse do cianeto ingerido anos antes ou da sensação de ter falhado a um qualquer encontro dentro de si – com quem, não sabe.

*

Provavelmente não voltaremos a falar. É outro tempo, hoje. Se falarmos de novo, seja em silêncio ou atirando a boca a lâminas ou escarpas, de que nos valerá? Não temos os mesmos signos. Não, nenhuma boca é eterna, ao contrário do que foi dito. Os desertos são extensas camadas de dor, ondas de areia onde soterramos tudo quanto fomos. Não voltaremos a falar: esse animal fremente, quando se distancia, não se chama amor – é um chacal, um necrófilo animal dos rios e dos lagos densos da carne.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



três poemas

de

António Amaral Tavares

António Amaral Tavares nasceu em Tábua, em 1964 e viveu até aos seis anos numa aldeia deste concelho. Foi com esta idade que foi viver para Lisboa, de onde só saiu no ano de 2000, com 36 anos para vir viver para Coimbra, para trabalhar em desenho técnico. Trabalha agora nessa área, em Miranda do Corvo.

Exceptuando uma passagem por um curso de Matemáticas Modernas, não fez qualquer formação académica.

Tem quatro livros publicados: *Trabalhos em Vidro* (Palimage, Coimbra 2012); *Talvez Seja Essa Certeza* (Medula, Coimbra 2014); *Movimento de Terras* (Língua Morta, Coimbra 2016) e *Animais Incluídos* (Medula, Coimbra 2016).

*

Lavrava a terra preso
à charrua direito na postura
como se fosse nobre o gesto.

O ruído do rasgar da terra
era a sua preparação do silêncio
e os pássaros afluíam em bandos

de graça àquele lugar de vida.
Debicavam na ferida do chão
os vermes agora expostos à luz

não consumissem
o rosto jovem das palavras
a pupila dos olhos

essa febre.

*

Porque beijavas a sombra dos cães
esses que nos seguem até perdermos
a luz à ombreira da noite
nunca conheci alguém que beijasse
a sombra dos cães assim no chão como andam
e cobriam os olhos e as pernas
com uma pele muito fina de fígado
é uma gaita isto para começar a
peripécia de um conhecimento
o valor de um ou outro pormenor –
tu eras a agregação dos versos
escrevias longos silêncios
nas tuas paredes de ardósia e a giz
o nome da tarde e dos bichos
que não morreram no mar –
porque tens dias nobres como se fosses
uma ponte entre a agonia inútil dos dedos
esse buraco de noite onde caem
as palavras surdas que a luz da manhã
há-de expor perante a pedra do medo –
ninguém sabe o quanto se pode esconder
entre a possibilidade dos dedos
desgraçadamente não haverá braço
nem corda que chegue tão fundo –
é difícil ter duas mãos da cor dos abismos
a cabeça entre os pés

um corpo assim é dado como morto –
e é uma estopada isso de ter
como desgosto e castigo diários morada
à beira de declives de luz perigosos de que não se
conhece o fundo as horas todas –
não se demoram aí os pássaros que cruzam.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



três poemas

de

Arvind Krishna Mehrotra

Arvind Krishna Mehrotra nasceu em Lahore, Paquistão, 1947.

Publicou 5 livros de poesia, estando o essencial da sua obra como poeta contido em *Collected Poems 1969-2014. Delhi: Penguin India.*

Como tradutor publicou *The Absent Traveller*, um volume de poemas de amor em prácrito, e *Songs of Kabir*, tendo Kabir sido um poeta e santo indiano do século XV.

Foi incluído no volume *Talking Poems: Conversations with Poets*, da responsabilidade da poeta Eunice de Souza.

tradução de

Francisco José Craveiro de Carvalho

Francisco José Craveiro de Carvalho nasceu em 1950. Foi matemático, escreve poesia e traduz. Entre os poetas que traduziu estão Neil Curry, Jane Hirshfield, David Lehman & Aram Saroyan.

On The Death Of A Sunday Painter

He smoked a cherry-wood pipe, knew all about cannas,
And deplored our lack of a genuine fast bowler.
My uncle called his wife Soft Hands.
Once in 1936 as he sat reading *Ulysses*
in his Holland Hall drawing-room, a student walked in.
Years later I read him an essay on D.H. Lawrence
And the Imagists. He listened,
Then spoke of Lord Clive, the travels of Charles M. Doughty,
"My dear young fellow . . ."
I followed the mourners on my bicycle
And left early. His friends watched the cremation
From the portico of a nearby house.

Sobre a morte de um pintor de domingo

Fumava um cachimbo em cerejeira, conhecia tudo sobre lírios de
[canna
E lamentava não termos no críquete um verdadeiro lançador rápido.
O meu tio chamava à mulher Mãos Macias.
Uma vez em 1936 quando estava sentado a ler o *Ulisses*
Na sua sala de estar em Holland Hall, um estudante interrompeu-o.
Anos mais tarde li-lhe um trabalho sobre D. H. Lawrence
E os Imagistas. Ouviu,
Falou de Lord Clive, as viagens de Charles Doughty,
“Meu caro jovem...”.
Segui o funeral de bicicleta
E saí cedo. Os amigos viram a cremação
Da entrada de uma casa vizinha.

To An Unborn Daughter

If writing a poem could bring you
Into existence, I'd write one now,
Filling the stanzas with more
Skin and tissue than a body needs,
Filling the lines with speech.
I'd even give you your mother's

Close-bitten nails and light-brown eyes,
For I think she had them. I saw her
Only once, through a train window,
In a yellow field. She was wearing
A pale-coloured dress. It was cold.
I think she wanted to say something.

A uma filha por nascer

Se escrever um poema te pudesse
Dar vida, escrevia já um,
Enchendo as estâncias com mais
Pele e tecidos do que um corpo precisa,
Enchendo os versos com a fala.
Dar-te-ia até as unhas roídas

E os olhos castanho-claros da tua mãe,
Pois acho que eram assim. Vi-a
Apenas uma vez, por uma janela de comboio,
Num campo amarelo. Usava
Um vestido de cor desmaiada. Estava frio.
Acho que me queria dizer uma coisa.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



cinco poemas

(do livro inédito "Sonata do Silêncio")

de

Casimiro de Brito

Poeta & etc. Nasceu no Algarve, em 1938, onde estudou (depois em Londres) e viveu até 1968. Viveu uns anos na Alemanha. Várias profissões. Começou a publicar em 1957 e, desde então, publicou mais de 40 títulos. Dirigiu as revistas literárias *Cadernos do Meio-Dia* (com António Ramos Rosa) e *Loreto 13* (órgão da APE). É um dos directores da *World Haiku Association*, de Tóquio. Esteve ligado à *Poesia 61*. Vários prémios literários, entre eles o Prémio Internacional Versilia, de Viareggio, pela sua **Ode & Ceia** (1985). Tem obras incluídas em 240 antologias, publicadas em vários países. Participou em recitais, festivais de poesia, congressos de escritores, conferências, um pouco por todo o mundo. Dirigiu festivais internacionais de poesia de Lisboa (Casa Fernando Pessoa), Porto Santo (Madeira) e Faro. Foi fundador da Associação Portuguesa de Escritores, do P.E.N. Clube português e presidente da *Association Européenne pour la Promotion de la Poésie*, de Lovaina. Foi agraciado pela Academia Brasileira de Filologia, do Rio de Janeiro, com a medalha Oskar Nobiling. A *Académie Mondiale de Poésie* (da Fundação Martin Luther King), galardoou-o em 2002 com o primeiro Prémio Internacional Leopold Sédar Senghor, pela sua carreira literária. Ganhou o Prémio Europeu de Poesia Sibila Aleramo-Mario Luzi, com a sua antologia **Libro delle Cadute**, publicada em Itália em 2004. E o prémio "Poeteka" na Albânia. Tem traduzido poesia de várias línguas, sobretudo do japonês e foi traduzido para cerca de 30 línguas. Foi nomeado Embaixador Mundial da Paz, no âmbito da Embaixada Mundial da Paz, sediada em Genebra. Foi agraciado com a Ordem do Infante pela Presidência da República.

Últimas obras editadas: *Amar a Vida Inteira*, *Eros Mínimo*, *Aimer Toute la Vie* (em Paris) e *Apoteose das Pequenas Coisas*.

3

A primeira noite
que passei contigo
fez de mim um deus.
 Elevei-me
 para o fundo!
Amar-te foi uma flor
como se houvesse apenas
 uma flor no mundo.

14

Descrever não posso
nem a guerra nem a paz
dos nossos corpos: descrever
é interpretar
e toda a interpretação
é um delírio. Seduzo,
bifurco, penetro
e em cada gesto
os corpos mudam de nome. Nem sei
quais são, apenas
uma guerra
uma aproximação
do sonho e do trono.
Descrever não posso
os caminhos da nossa morte.
Do nosso amor. Arrasto-me
às portas de quem amo
como se procurasse
um repouso a dois, uma morte
a dois. E depois
silencias, e depois
cantamos.

37

Também nos livros sagrados se entra
como se fôssemos crianças.
No sexo de mães perfumadas
regresso ao som primeiro à sombra fundadora
da primeira palavra. Entro
no casulo antigo, em mulheres que têm
a idade que têm
e outras idades mais. Coisa antiga.
A semente que sou provém de mães esposas
que deixei pelo caminho. Dentro delas vou morrendo
feliz. Afasto-me da fonte que se aproxima
e bebo na fonte que já se afasta.

64

Quando o corpo se inclina
e a sombra dele se aproxima
do chão
ainda me sinto mais alto
e no cume
de montes que não cessam de
crescer. E depois descem
às suas raízes esses que não conhecem
a curva nem o repouso
apenas um desejo oculto
de também eles se inclinarem
para trepar de novo. Quem buscam
sem o saber? Ao chão dos céus trepam
e se pensassem saberiam
que para dentro de uma fenda
ascendem — há quantos milénios
sem par nem repouso
descem quando julgam subir
sobem quando sofrem
o peso da queda?

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



três poemas

de

Domingos da Mota

Domingos da Mota nasceu em Cedrim, Sever do Vouga, tem um livro de poemas publicado, com colaboração dispersa por colectâneas, revistas materiais e electrónicas, sites e blogues.

Actualiza com alguma frequência o blogue:

<http://domingosmota.blogspot.pt>

A sombra

Se olho para alguém e vejo a sombra
e por detrás da sombra a sombra ainda
encostada à ombreira da penumbra
que se adensa e prolonga numa esquina;
e a sombra de súbito se afasta
e atrás dessa sombra outras seguem
no encalço da sombra que se arrasta
ou atrás duma sombra que perseguem;
se olho para alguém e a sombra volta
e ao lado da sombra também vejo
a silhueta duma sombra absorta
cingida por um rútilo lampejo:
se olho para alguém que me ilumina
até a sua sombra me fascina.

Que dizer?

Que podes tu dizer a quem te afronta
e olha sem um mínimo respeito,
de língua viperina, prestes, pronta
a despejar o saco rarefeito
duma vida repleta de fracassos,
malogros e fiascos, frustrações
e muitos contratempos, contrapassos
e quedas, a seguir a tropeções,
que podes tu dizer, sem retorquir
no mesmo tom, na mesma linguagem
desabusada, que te custa ouvir,
sem que sejas traído pela aragem
que mobiliza um rol de palavrões,
mesmo que fales com os teus botões?

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



quatro poemas

de

Edgardo Xavier

Natural de Huambo, Angola, nasceu em 1946. Português, mas filho e neto de angolanos, sente-se um mestiço cultural na medida em que teve o privilégio de viver intensamente a África profunda tanto quanto a interioridade de Portugal. Fez medicina mas foi como crítico e artista plástico que se destacou. A escrita, que vem desde a sua adolescência, estribou a sua vida profissional e só há cerca de uma década derivou para a poesia. *“Escrita Rouca”*, Insubmisso Rumor, Porto, 2016, é o seu sexto livro de poesia. Antecederam-no *“Amor Despenteado”*, Casa das Cenas, Sintra, 2007; *“O Canto da Pedra”*, Papiro Editora, 2009; *“Corpo de Abrigo”*, Temas Originais, Coimbra, 2011; *“Azul Como o Silêncio”*, Chiado Editora, 2014; *“Lisboa”*, Temas Originais, Coimbra, 2015 e *“Íntima Idade”*, coleção Preto no Branco, Temas Originais, Coimbra, 2017.

NINGUÉM

Perguntando te dirão de mim
com palavras, dedos e silêncios.
Verás que em cada boca nasço outro
e de cada gesto me entenderás diferente.
Ninguém no fundo me sabe ou reconhece
de tanto que mudo para ser pássaro
de tanto que sangro para ser livre
de tanto que me inquieta a tua voz
de noite irreverente.

Sou todos os homens da tua fome
na pele de ninguém.

TERRA BRUTA

Sou gente bárbara em terra bruta
sou o riso e o vinho
a noite e os gritos que longínquos adivinho antes
do tempo de ardência nesta carne agreste.

Vieste.

A guerra e o sangue brilham no teu rosto
as mãos já torcem a minha sede
no centro em que me dói a espera
a contenção, a febre de seguir-te
em passada larga, corrida, com o uivo que trago comigo
por ser solidão

Sou quem devassa e tudo quer oculto
Há feras que saem dos meus olhos, que me rasgam o peito
que rodeiam o teu corpo de negação e vontade.
Vem de feroz liberdade e fere fundo

atropela, luta, abraça e esmaga
suaviza, beija, morde, geme.

Anuncia em mim a morte da acesa carne, da bruta fome
e deixa que te invadam os vícios e todos os segredos.
Que dilacerado eu corra pela margem do teu fogo
e nele caia inteiro e fecundo para arder

ainda bárbaro a golfar e a morrer.

CINZENTO

Não te senti
eram vento os teus passos
e erva tenra este ninho.
No erro
sou pássaro
a memória sem estrada nem caminho
a cidade igual de lugares repetidos,
exaustos como ecos de procura.
A amargura.
Procuro-te onde já as vozes se mudaram
e não estás nos inúteis céus de Maio
mudos sem ti.
Que importa a primavera
se só pelos teus olhos a sinto?

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



um exercício poético

de

Eduardo Quina

“O tempo e os espaços habitados tornaram-me professor. De Filosofia.

Às vezes, escrevo.

Quanto ao resto? Não é o mais importante.”

[COMEÇAR A MORRER]

5.

Guardo a imagem do que penso ser beleza através do retrato antigo, vacilante e amarelado onde nos reflectimos.

Tudo estava perfeito na imagem. As figuras, as sombras proporcionais, o gato a querer fugir da banalidade do mundo.

Era uma imagem de absoluto silêncio, para que a nitidez fosse plena, plana.

Estávamos rodeados pela infância: as roupas, a casa velha, os pais (há muito mortos).

No meio dos nossos corpos brincava uma criança, como se aquele fim de tarde fosse a plenitude do fim do mundo.

Fingíamos através dos corpos a perfeição da música na memória definitiva dos afectos. Talvez pudéssemos ser felizes, ainda que a morte nos doesse.

Rodeada pela infância sobrava o ar grave da tua carne fulminada. Luz imperfeita atirada aos vermes desde os anos esquecidos.

[Tinhas as mãos acesas em pequenos círculos de solidão.]

Éramos os gestos oblíquos e desfigurados do retrato onde assumíamos a juventude.

Uma cartografia de luz e gestos ininterruptos ou improvisos definitivos onde íamos coleccionando imagens e quadros de angústias categóricas.

Escarafunchávamos uma e outra vez a ferida para que o sangue se mostrasse uma e outra vez tangível e inútil.

Sabemos que o futuro é apenas o regresso às imagens do passado: fotogramas de ausência.

Hoje, fechada dentro de ti, sem muros e árvores e roupas e a casa, espalhas o que resta de todo aquele retrato: a imagem de uma metáfora.

A adolescência é esse lugar estranho onde nenhuma morte é inocente.



cinco poemas

de

Fernando Esteves Pinto

Fernando Esteves Pinto nasceu em Cascais em 1961. Colaborou no DN Jovem (Diário de Notícias) e no Jornal de Letras. Em 1990 recebeu o Prémio Inasset Revelação de Poesia do Centro Nacional de Cultura. Em 1998 obteve uma bolsa de criação literária pelo Ministério da Cultura/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. É coordenador da revista de literatura “Sulscrito” e co-fundador do projecto literário Palavra Ibérica. É editor da 4águas.

Obteve o Prémio Literário Cidade de Almada – 2016, pelo romance “A Caverna de Deus”

Livros publicados: “*Na Escrita e no Rosto*” (poesia); “*Siete Planos Coreográficos*” (poesia, edição bilingue, Huelva); “*Ensaio Entre Portas*” (poesia); “*Conversas Terminais*” (romance); “*Sexo Entre Mentiras*” (romance); “*Privado*” (novela); “*Área Afectada*” (poesia); “*Brutal*” (romance); “*O Tempo que Falta*” (poesia); “*Identidade e Conflito*” (micro-ensaios); “*Dispensar o Vazio*” (antologia poética); “*Património Bukowski*” (contos e outras estórias); “*O Carteiro de Fernando Pessoa*” (romance); “*Humanidade*” (poesia); “*A Caverna de Deus*” (romance).

1.

Alguém construirá uma biblioteca do tempo:
a gramática mais dura da sabedoria.
Objectos fundos que tocam a luz da terra.

Alguém que testemunhe:
memórias ligadas a lugares profundos.
Experiência tão artesanal
deslumbrando a história da imoralidade humana.

Dêem uma palavra ao silêncio
uma palavra que seja só aparição
como um corpo que nasce por dentro
do que se escreve e ainda continua ausente.

Elementos que ensinam e ofuscam.
Tudo tão do instante da biografia
do que é imenso e fascinante.

2.

Dizem que as cidades se movem sobre as suas ruínas
e que soberanas pedras renascem admiráveis
em suas construções em transe.

Um instante em cada coisa erguida
é uma fulguração cega e fecunda.
Um sacrifício criador asfixiando a terra.

A obra da terra acumula-se de arquitectura e fúria
e as cidades dobram os mapas da sua natureza
transformam as paisagens em indústrias de cinza.

Um terrível espaço de vida:
uma rede de caminhos para a imploração eterna.

Como pode um pensamento possuir tanta penumbra límpida
quando permanente é a memória assombrada da vida.

3.

Às vezes a tua mente alucina-se
procura as coisas físicas tumultuosas.
E então escreves: o medo está sempre perto.

É uma gravura contínua como ideias fulgurantes.
Como sulcos onde pulsam instrumentos humanos.

E o músculo do delírio é a raiz única que te faz mover.
Raiz entrando pelo sangue, fundindo-se na carne
rebotando a cabeça. Exaltando inteira a maquinaria
do universo, sibilando indomavelmente
para difundir as mais altas revelações.

E a vida invade toda a escuridão dos dias.
Onde os pensamentos se arrastam
como caudas de luz.

4.

Um dia voltarás para dentro da terra: ossos e cinzas
que alguém há-de amar. E das raízes da tua cabeça
nascerá uma civilização recriada na pureza.

E toda a terra há-de apertar a tua alma.

Que mal se distinga uma coisa intensa
enorme sobre a humanidade
da soturna inquietação que cobre inteira a vida.

E se da memória fores desaparecido
fecunda será a semente na sua ira.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



oito micro haiku

de

George Swede

George Swede, 1940, nasceu em Riga, capital da Letónia, vivendo hoje em Toronto.

É psicólogo, poeta e escritor para crianças. Entre os poetas que o influenciaram inclui Dylan Thomas, Leonard Cohen e Ezra Pound.

O seu livro mais recente, *Helices*, foi publicado por Red Moon Press, 2016.

tradução de

Francisco José Craveiro de Carvalho

Francisco José Craveiro de Carvalho nasceu em 1950. Foi matemático, escreve poesia e traduz. Entre os poetas que traduziu estão Neil Curry, Jane Hirshfield, David Lehman & Aram Saroyan.

Micro Haiku

*

bridge
at both ends
mist

*

autumn wind
cells falling from
my body

*

town dump
i find a still-
beating heart

*

canyon
replies from the
afterlife

*

blazing heat
my long shadow
useless

*

eyes closed
open to what's
inside

*

cold dawn rain
I turn to touch
my wife

*

earplugs
now my heart is
too loud

*(From micro haiku: three
to nine syllables. Toronto:
Inšpress, 2014.)*

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



um poema

de

José Carlos Soares

José Carlos Soares é natural de Leça da Palmeira, ano de 1951.

Entre 1981 e 2006, publicou sete livros de poesia (os dois primeiros em colaboração – com Carlos Marques Queirós; com Jorge Velhote), antologados por Manuel de Freitas em *Este Perder-se* (2011). De 2011 a 2015 publicou mais seis livros de poesia, livros que serão reunidos em *Camel Blue*.

A MAIS EXACTA LÍNGUA

Quanto rumor
de anjos

na pouca água
escorrendo

um dia e outro
dia atrás da vida. Se

dessas coisas dissesse
por carta
e por elas desses

do rumor a asa
magnífica,

se por elas
ainda atravessasse
pé ante pé

todas as inflexões
do vazio
e ainda desses

desses anjos
o sabor a medo
e a frio,

e se depois
o sono te abandonasse
e viesses

contemplar o mundo
debaixo da cerejeira
aguardando

a caminhante luz
no aceso
dos regatos, se

esse rumor deixasse
depois em tua boca

o tremor dos lábios
cortados pela respiração,

dupla voz consentida,

lua e sol desenhados
em cada grito,

e a morte
de lume cobrisse
a garganta
esganando cada sílaba,

vento
no vento,

talvez o vento fosse
a mais exacta língua
do poema.



quatro poemas

(inéditos de um grupo de 15 intitulado «em cada cidade»)

de

Maria Afonso

n. 1961, Fóios, Sabugal, Guarda. É professora de História e autora do caderno Asa de Azul da coleção “*O fio da Memória*” (C. M. Guarda, 2012). Participou em diversas colectâneas e publicou, em 2014, pela Editora Lua de Marfim o livro de poesia “*Todos os Silêncios*”. Em 2016 publicou na CanalSonora o seu mais recente livro (*eu diria que nevava*).

*

de que é feito o silêncio senão destas
horas pausadas em que a cidade
se escoia em carris de luzes coradas

há casas de silêncios maiores
que a tarde da cidade

e a gente corre, abrasada, como se retardasse
a chegada a uma casa
deserta de mãos abertas

*

vasculhamos a vida em caixotes de lixo
espalhados pela cidade
aleatoriamente trilhamos correntes de ar
que nos atiram contra a nossa sombra

de olhos gastos e lábios gretados lançamos
um último aviso aos errantes da luz

e recolhemos todas as palavras
que a noite escreve

*

mostra-me os escombros da cidade
onde te perdes
as esquinas mais rudes onde ninguém
é beijado
o céu por entre casas de onde chega o
último desejo
diz-me que há latas vazias que volteiam
com os corpos das ruas escuras
fala-me desse amor-desejo maquinal e orgástico
que se perde num olhar vago
diz mais dos dias e das noites vazios de sonhos
sem cerimónias

onde se grita e de que lado fica a dor?

não sentes este silêncio velado
a matar, devagar, como se fosse um silêncio
por nós violado?

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



cinco poemas

de

Maria Azenha

Maria Azenha nasceu em Coimbra.

Licenciou-se em Ciências Matemáticas pela *Universidade de Coimbra*.

Exerceu funções docentes nas Universidades de *Coimbra*, *Évora* e *Lisboa*.

Desempenhou actividade docente no Quadro de Nomeação Definitiva na *Escola de Ensino Artístico António Arroio*.

Membro da *Associação Portuguesa de Escritores*

Membro de *Honra* do *Núcleo Académico de Letras e Artes de Lisboa*.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Azenha

*

Tenho um minuto para escrever este poema
Um poema que fala de amor e de um deus morto.
A minha pena é uma faca de luz, sou o anjo do desespero.
Com os dentes trituro a esperança e a tinta da boca
Escorre pelas ruas cobrindo-me os ombros.
Sou a nuvem que sobrevoa o silêncio.
O meu voo é o abismo da neve que grita:
Obrigada, meu Deus, por não existires.

I'm taking a moment to write this poem

I'm taking a moment to write this poem
A poem that talks of love and of a dead god.
My pain's a blade of light, I'm the angel of despair,
Between my teeth I splinter hope, the ink of my mouth
Floods the streets, runs down my shoulders.
I'm the cloud that scuds over silence.
My flight-path is the gulf of winter that howls:
Thank you, my God, for your non-existence.

Version by *Lesley Saunders (Poet and educationalist)*

*

Um homem sem nome
Traz no pulso um relógio sem nome
No rosto uma tatuagem sem nome
Diz à mulher sem nome
Num autocarro sem nome
Que a ama sem nome
Num peixe sem nome
Que atravessa uma cidade sem nome
A mulher sem nome
Com uma mão aberta sem nome
Diz um adeus sem nome
A um homem sem nome
No fundo de um rio sem nome

*

Acordo todos os dias à mesma hora.
 Hoje acordei condecorada pela minha cabeleireira
 que trabalha horas a fio para a autoridade tributária.
 Preferia, se tivesse que ter preferências, ter sido condecorada
 pelas mãos da *lúcia canhoto* ou ganhar um euro na *raspadinha*.
 O pior é que me obrigaram a colocar uma fita ao pescoço.
 Decidi-me então escrever “as laranjas mecânicas do sr. barroso”.
 Mas a guerra lixou tudo.
 Doem -me os joelhos. Não me posso dobrar.
 Se não fosse a minha tia e os bandidos que violaram o sistema de
 [justiça
 já tinha acabado o volume inteiro.
 Assim continuo a derreter velas à noite,
 a escrever cartas trocadas do marido para o amante.
 Ninguém sabe, mas sou a favor da distribuição de poemas ao acaso
 em vez de cigarros eletrónicos na boca uns-atrás-dos-outros.
 Sim, porque há fumos e fumos e outras coisas notáveis
 umas mais legais que outras. Noutro dia vi uma pomba na rua
 a escolher do chão o que um cão tinha feito.
 Quem sabe se tinha tomado *brandy!*
 Chega a ser tocante. Às vezes uma maldição.
 De duas em duas horas assisto ao sorteio de salários
 com ou sem reposição de nomes.
 Tenho a impressão que aterrei num planeta em saldo.
 De resto para que serve ser cão? Tornei-me uma farda.
 Conheço um gato licenciado que ainda não foi colocado.
 Não sou o rei *Lear*.
 Estou sentada num caixote de lixo com os olhos vendados.

*

A escuridão de Deus é a escuridão de Deus.
Todo o acrescento é a luz que não é Ele.
Tudo o que Ele faz é centrífugo.
Ele está sempre consigo próprio
e faz contrafação com os seres.
O seu único ministro é o *Caos*.
A sua eterna *blague*: a Criação.
Perante a escuridão de Deus ousou calar-me.
Estou suspensa de uma Árvore
com a cabeça ao contrário.
Para a subir crio uma escada de seda.

Um colibri ordena-me:
“Torna Deus visível !”

Então sou levada a matar a escuridão de Deus
no choro de uma criança.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



cinco poemas

de

Maurício de Sousa

Livre do aconchego dos amnióticos líquidos, cresceu na paróquia de S. Sebastião de Darque, concelho de Viana do Castelo. É diplomado com o curso de *Educação Infantil e Básica Inicial – Ramo de Educação Comunitária* pela Universidade do Minho. Em 1998, depois de concluída, na Universidade Nova de Lisboa, a parte escolar do Mestrado em Economia e Sociologia Históricas, foi equiparado a bolseiro ao abrigo do Decreto-Lei n.º 272/88.

Sob os auspícios do soldado Mártir, andarihou por Moçambique, e, a intervalos de curta duração por várias paragens. Foi funcionário, no início da década de sessenta, da Caixa de Previdência do Distrito de Santarém, inspector superior da IGE, docente de *Legislação e Deontologia Profissional* na Escola do Magistério Primário de Chaves e, de permeio, activista cultural.

Tem publicado quatro livros de poesia: *Do lento apeteecer o tempo* (1975), *Domínios consentidos* (1986), *Poemas sob a colina* (1986) e *Tear de cactos* (1989). Em prosa publicou *Carta sem obreia* (2016).

DESNUDEZAS E OUTROS MODOS

a.

as mãos
não sustêm as leis da física

quando cai
(e não há nada de metafísico nisso)
a doçura da romã ressoa na lisa
pedra dos ouvidos

b.

na boca do chão
contra a líquida gravidade
dos frutos
um gomo de laranja luz
como uma húmida pedrinha de sal
e de salsa crespa

:

restos de palavras ressequidas

c.

assim

como um fruto
que vagarosamente se desprende Ou
como a brancura inconjugável
de uma sílaba

a palavra paraíso
seca ao fogo do céu da boca

d.

a casa

a romãzeira e as vinhas tudo isso
desaparecerá um dia

Tudo isso será então menos incerto Talvez apenas
um átomo da casa e a casa
um soluto químico de rosas radiantes
orbitais

e precisas em direcção ao mar

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa



dois poemas

de

Rita Tabora Duarte

Rita Tabora Duarte nasceu em 1973.

Docente do ensino superior, é actualmente professora da Escola Superior de Comunicação Social e foi membro da Comissão de Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian.

Colabora regularmente, com crítica de poesia e ensaio, em diversas publicações, como o site *Rol de Livros*, da Fundação Calouste Gulbenkian, a revista de crítica e poesia *Relâmpago* ou a revista *Colóquio-Letras* e tem, também, integrado júris de prémios para originais de literatura infanto-juvenil, obras de poesia e de narrativa.

Em 2003, vence o prémio Branquinho da Fonseca Expresso-Gulbenkian, com o livro *A Verdadeira História da Alice*. A partir daí, tem escrito com regularidade para crianças e jovens, contando com uma dezena de obras publicadas. *Animais e Anímenos e outros bichos mais pequenos (2017)*, com ilustrações de Pedro Proença, é o seu livro infantil mais recente.

Publicou cinco livros de poesia:

Roturas e Ligamentos (abyssmo, 2015, com ilustrações de André da Loba); *Elogio de Outono* (homem do saco, 2015); *Dos sentidos das coisas* (Caminho, 2007); *Na Estranha Casa de um Outro* (Asa, 2005); *Poética breve* (black Sun, 1998).

AMASSANDO O PÃO

*«não sei se fazer um poema não é fazer um pão
um pão que se tire do forno e se coma quente ainda por entre as linbas»
«aliás não é exactamente um objecto, o poema, mas um utensílio: de fora parece um objecto, tem as
suas qualidades tangíveis, não é porém nada para ser visto mas para manejar. Manejamo-lo.
Herberto Helder*

«Um poema é um inutensílio»

Manoel de Barros

UM PANO ENCHARCADO NAS TROMBAS

Um poema não é um objecto
um poema é, por evidência, um objecto
um poema
é um utensílio que é um inutensílio

E vou moendo as palavras que são e as que não são
no almofariz da página. É com mão de pedra
que piso as palavras maceradas
triturando os versos que desfaço em rimas
como quem mói farinha para amassar o pão.

Mas dizem-me que a palavra é ainda menos um objecto
que um poema. E nem é coisa que se faça ou se desfaça
ou se triture na inexactidão do verso; já nem com tinta
se macula as palavras em borrões de aracne;
patas nas pernas das palavras
quando se insinuam à teia do poema.

Muito mais limpas, as palavras de agora, quando escritas.
 E se ditas, mesmo numa pronúncia lavada e clara,
 são só ar: só muito raramente se apegam
 um rasto de saliva, um hálito requentado talvez
 nas palavras mais azedas.

Eu argumento que os meus poemas são mais objectos
 do que os outros poemas dos outros poetas,
 pois que uso frases com mais peso
 quando encastelo adjectivos sólidos em paredões de
 metáforas vivas. Os meus poemas têm alicerces
 presos ao chão da realidade,
 raramente borbulham gasosas eufemísticas pelo ar
 artífice.

As minhas palavras deixam lastro
 mancham as mãos com a pasta elástica dos nomes,
 coisas muito mais coisas do que as coisas que desdizem.

Não é que eu queira dizer
 que palavras sejam de facto objectos,
 Na verdade, as palavras que encavalito em poemas
 como argamassa mole e húmida não são sequer palavras
 por isso talvez os meus poemas não possam ser um objecto.
 Talvez só uma abjecta levedura de vocábulos
 Babugem com um pouco de afecto
 ou somente
 um pano encharcado nas trombas do coração.

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa

conteúdo
exclusivo
da versão
impressa

posfácio

“...

*Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!*

*Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra
Por entre tanta sombra igual a mim!”*

FLORBELA ESPANCA
in poema “Nostalgia”

Índice

- 3 Prelúdio
- 5 **António Cabrita**
- 6 HARPO MARX NA JAULA DO LEÃO
- 13 **António Carlos Cortez**
- 14 De CORVOS COBRAS CHACAIS
- 16 **António Amaral Tavares**
- 17 [Lavrava a terra preso]
- 18 [Porque beijavas a sombra dos cães]
- 20 [Matar ou morrer haveria]
- 21 **Arvind Krishna Mehrotra**
- 22 *On The Death Of A Sunday Painter*
- 23 Sobre a morte de um pintor de domingo
- 24 *To An Unborn Daughter*
- 25 A uma filha por nascer
- 26 *Canticle For My Son*
- 27 Cântico para o meu filho
- 28 **Casimiro de Brito**
- 29 3 [A primeira noite]
- 30 14 [Descrever não posso]
- 31 37 [Também nos livros sagrados se entra]
- 32 64 [Quando o corpo se inclina]
- 33 100 [Quantas vezes te]
- 34 **Domingos da Mota**
- 35 A sombra
- 36 Que dizer?
- 37 Prenúncio
- 38 **Edgardo Xavier**
- 39 NINGUÉM
- 40 TERRA BRUTA
- 41 CINZENTO
- 42 ABERTURA
- 43 **Eduardo Quina**
- 44 [COMEÇAR A MORRER] [5.]

- 45 **Fernando Esteves Pinto**
46 1. [Alguém construirá uma biblioteca do tempo:]
47 2. [Dizem que as cidades se movem sobre as suas ruínas]
48 3. [Às vezes a tua mente alucina-se]
49 4. [Às vezes a tua mente alucina-se]
50 5. [Tens a experiência do inculto]
- 51 **George Swede**
52 *Micro Haiku*
53 Micro Haiku
- 56 **José Carlos Soares**
57 A MAIS EXACTA LÍNGUA
- 59 **Maria Afonso**
60 [de que é feito o silêncio senão destas]
60 [vasculhamos a vida em caixotes de lixo]
61 [mostra-me os escombros da cidade]
62 [o que fazer com um beijo e um corpo à chuva]
- 63 **Maria Azenha**
64 [Tenho um minuto para escrever este poema]
65 [Um homem sem nome]
66 [Acordo todos os dias à mesma hora.]
67 [A escuridão de Deus é a escuridão de Deus.]
68 [O meu corpo é um coração de vidro]
- 69 **Maurício de Sousa**
70 DESNUDEZAS E OUTROS MODOS
70 a. [as mãos]
70 b. [na boca do chão]
71 c. [assim]
71 d. [a casa]
72 e. [no cimo das escadas]
- 73 **Rita Taborda Duarte**
74 AMASSANDO O PÃO
74 UM PANO ENCHARCADO NAS TROMBAS
76 OLHANDO PARA O MAR
79 posfácio



FICHA TÉCNICA

Eufeme n.º 3

(Abril/Junho 2017)

Editor e coordenador: Sérgio Ninguém

versão PDF

Composição, paginação e design: Mancha Gráfica

capa e ilustração p.3: Sérgio Ninguém

© dos autores e Eufeme

Publicação trimestral.

Todos os direitos reservados conforme a legislação em vigor.

<http://eufeme.weebly.com>

 twitter.com/EufMag |  facebook.com/EufemeMag

Nesta edição:

António Cabrita

António Carlos Cortez

António Amaral Tavares

Arvind Krishna Mehrotra (*trad. de Francisco José Craveiro de Carvalho*)

Casimiro de Brito

Domingos da Mota

Edgardo Xavier

Eduardo Quina

Fernando Esteves Pinto

George Swede (*trad. de Francisco José Craveiro de Carvalho*)

José Carlos Soares

Maria Afonso

Maria Azenha

Maurício de Sousa

Rita Taborda Duarte



Eufeme
magazine de poesia

edição n.º 3 (abril/junho 2017)